

GUSTAVO BARROSO

Mozart Soriano Aderaldo

A primeira vez que vi Gustavo Barroso tinha eu doze anos e cursava o Liceu do Ceará. Ele estava pelos quarenta e um, plenamente vitorioso em sua carreira intelectual, dono de um estilo que delicia e prende o leitor do começo ao fim de seus escritos. Vi-o de longe. Ele, no palanque oficial, ao lado do Presidente (era esse o título do chefe do Executivo estadual) José Carlos de Matos Peixoto e outras altas autoridades civis, militares e eclesiásticas e dos mais representativos vultos da intelectualidade conterrânea. Eu integrando o grande coro que entoaria o hino a José de Alencar, letra de Antônio Sales e música de Silva Novo, nas festas comemorativas do centenário de nascimento do maior prosador romântico do Brasil.

Eu veria e ouviria Gustavo Barroso poucos anos depois, ainda como aluno do Liceu, em memoráveis conferências e comícios, no Teatro José de Alencar e nas praças públicas da cidade, quando de sua pregação em prol do integralismo.

Perdi-o de vista quando me desloquei para o Rio de Janeiro a fim de completar meus estudos, embora continuasse a ler seus livros, especialmente os vinculados ao Ceará — *Terra de Sol* (que tem para os cearenses a mesma significação de *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, para o Nordeste como um todo; de *Casa Grande e Senzala e Nordeste*, de Gilberto Freyre, livros fundamentais para a compreensão da região da cana de açúcar; e de *O Outro Nordeste*, de Djacir Menezes, (que retrata o semi-árido), *Heróis e Bandidos*, *Praias e Várzeas*, *Almas de Lama e Aço*, *Casa de Maribondos*, *Ao Som da Viola*, *O Sertão e o Mundo* e muitas outras publicações (sua bibliografia ultrapassa a marca da centena), especialmente as obras ligadas ao nosso Estado e ao País, como a *História Secreta do Brasil*, *Brasil — Colônia de Banqueiros* e suas deliciosíssimas memórias *Coração de Menino*, *Liceu do Ceará* e *Consulado da China*, que tive o gosto de anotar para uma segunda edição comemorativa de seu centenário de nascimento.

Era crescente a minha admiração por Gustavo Barroso, apesar de jamais ter aderido a muitas de suas teses políticas. Sempre preferi ver nele o cearense que, desamparado de todo, tomou de assalto a antiga capital da República e o eixo Rio — São Paulo, onde sempre existiu e persiste uma mentalidade que considera o Nordeste e o Norte (então englobados como uma coisa só) regiões irremediavelmente subdesenvolvidas, não obstante as figuras mais representativas da cultura brasileira que daqui emigraram para o sul e lá brilharam

como estrelas de primeira grandeza. O Ceará, por exemplo, deu ao Brasil o seu maior ficcionista romântico, o maior filósofo, o mais autorizado historiador, o mais eminente jurista e o excelso músico de inspiração nacional.

Estava-me reservada, porém, a grande honra de privar da amizade de Gustavo Barroso, por via de sua intensão em descobrir os verdadeiros amigos de sua cidade natal. Pinçou-me dentre muitos, pondo-me lado a lado com Raimundo Girão, Manoel Albano Amora e seu primo Waldir Lieberman, e conosco passeava, cada vez que aqui vinha (e o fazia religiosamente todos os anos), revendo a velha Fortaleza, por ele degustada nos últimos anos da passada centúria e nos primeiros anos do corrente século. Muito aprendi nessas andanças e ele dizia mesmo que transmitia aqueles dados para que não se perdessem na memória de nosso povo, tão fraca aliás.

Certa feita, deslocando-nos as várzes mecejanenses que perteceram a membros de sua família — o Jurucutuoca, o Itambé e tantos outros sítios hoje lamentavelmente urbanizados —, pediu que Waldir parasse seu jipe nas proximidades da desaparecida povoação de Cajazeiras. E nos ensinou: — Aqui, à esquerda, cerca de cinqüenta metros a leste, havia uma cacimba onde os animais dos comboios de minha família paravam para descansar e dessedentar-se. Vamos ver se ainda existe?” Caminhamos, ele confiante e nós admirados... E lá se achava a velha cacimba, cavada em priscas eras, talvez numa das terríveis secas que nos flagelam periodicamente.

De outra feita, mostrou-nos, em capela familiar de um dos Nunes de Miranda, na casa grande do sítio Jurucutuoca, já demolida, a verdadeira imagem de N. S. da Assunção, venerada em capela construída na fortaleza oriunda do velho forte que Álvaro de Azevedo Barreto recebeu de Matias Bech no século dezessete. Derruída a capela do forte, a vetusta imagem foi deslocada para a igreja então existente no preciso lugar em que se acha a nossa Catedral e de lá seguiu para o sítio mecejanense, por doação do santo bispo Dom Joaquim José Vieira a Lucínio Nunes de Miranda, seu grande amigo e fiel diocesano. Pena que essa preciosa imagem ainda não tenha voltado ao lugar da Catedral para ser venerada em nincho que lhe seria especialmente destinado, ela que deu nome à cidade e ouviu, por tantos e sofridos anos, as preces de muitos ancestrais nossos.

Era assim Gustavo Barroso. Um repositório precioso das coisas do Ceará e de sua amada Fortaleza, onde nasceu a 29 de dezembro de 1888, na casa hoje derruída e que tem o nº 530 da rua Barão do Rio Branco.

No ceará muito se programou para comemorar condignamente a grande data centenária de seu filho amante. Parece que tudo se reduziu a quase nada ... Que tristeza! Pelo menos foram publicadas, a duras penas, em segunda edição anotada, as suas preciosas memórias, para que não passássemos pelo vexame de ver o Rio e as demais regiões cultas do País comemorar com dignidade o centenário de nascimento do grande cearense enquanto nós permanecíamos indiferentes ao importante evento, numa renovada demonstração de subdesenvolvimento...